

OBJETOS DESCARTADOS: A APROPRIAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

*DISCARDED OBJECTS: APPROPRIATION IN
CONTEMPORARY ART*

Ilaine Teresinha Tramontini¹

Resumo: O artigo investiga como objetos descartados do cotidiano ganham novos significados ao serem apropriados por artistas contemporâneos, transformando-se em obras que provocam reflexões sobre estética, memória, consumo e sustentabilidade. São apresentados conceitos de “Apropriação”, “Ready-Made”, “Object Trouvé” e “Ressignificação”. Os artistas referenciados são **Marcel Duchamp** (precursor do ready-made, como a obra *Fontain*), **Frans Krajcberg** (reutiliza resíduos naturais para crítica ambiental), **Vik Muniz** (compõe obras a partir de materiais recicláveis) e **Nelson Leirner** (usa o colecionismo e a apropriação como crítica institucional). A reflexão permeia as hipóteses de que a apropriação artística torna-se ferramenta pedagógica para despertar consciência ecológica e criatividade, além de que valoriza o uso de materiais alternativos em sala de aula, rompendo com práticas artísticas convencionais e estimula o aluno a interpretar, ressignificar e construir conhecimento artístico de forma ativa. Ao final da pesquisa considerou-se que a arte contemporânea é plural, sensível ao contexto social e capaz de provocar novas leituras da realidade, que ao transformar “lixo” em arte, o artista desafia convenções e propõe diálogo entre cultura, consumo e meio ambiente e, finalmente, que a escola tem papel essencial na formação de um olhar crítico e apreciativo da arte atual.

Palavras-chave: “Apropriação”, “Ready-Made”, “Object Trouvé”, “Ressignificação” e “Escola”

Abstract: The article investigates how discarded everyday objects gain new meanings when appropriated by contemporary artists, transforming them into works that provoke reflections on aesthetics, memory, consumption and

1 Professora de Arte da Rede Municipal de Educação de Ijuí-RS. Licenciada em Artes Visuais pela Unijuí. Especialista em Gestão escolar: Orientação e Supervisão. Professora de Anos Iniciais na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: ilaine.t@prof.smed.ijui.rs.gov.br



sustainability. The concepts of “Appropriation”, “Ready-Made”, “Object Trouvé” and “Resignification” are presented. The artists referenced are **Marcel Duchamp** (precursor of the ready-made, such as the work *Fontain*), **Frans Krajcberg** (reuses natural waste for environmental criticism), **Vik Muniz** (composes works from recyclable materials) and **Nelson Leirner** (uses collecting and appropriation as institutional criticism). The reflection permeates the hypotheses that artistic appropriation becomes a pedagogical tool to awaken ecological awareness and creativity, in addition to valuing the use of alternative materials in the classroom, breaking with conventional artistic practices and encouraging students to interpret, resignify and construct artistic knowledge actively. At the end of the research, it was considered that contemporary art is plural, sensitive to the social context and capable of provoking new readings of reality, that by transforming “trash” into art, the artist challenges conventions and proposes dialogue between culture, consumption and the environment and, finally, that the school has an essential role in the formation of a critical and appreciative view of current art.

Keywords: “Appropriation”, “Ready-Made”, “Object Found”, “Resignification” and “School”

Introdução

A atual realidade impõe a preocupação com o meio ambiente e sua preservação, surge a necessidade de criar meios, inclusive dentro da arte, para proporcionar novos sentidos a objetos descartados no cotidiano da humanidade. Com a apropriação de objetos é possível criar obras de arte. Dentro de um contexto em que está inserido o indivíduo.

A arte contemporânea se caracteriza por uma produção livre de padrões e que transcende a pintura e a escultura, percorrendo um campo amplo em procedimentos. Questionando todos os meios institucionais precursores da contemporaneidade. É possível, estabelecer relações entre o objeto do cotidiano e o artístico. A apropriação é um meio de expressão artística que utiliza como meio e suporte objetos e imagens do cotidiano que são retirados do contexto original para se tornar outras obras.

Ao apropriar-se da materialidade dos objetos de consumo, a descartabilidade que a tudo atinge, a efemeridade que apaga a memória são situações vividas em uma sociedade que aceita o efêmero. A apropriação do objeto descartado dá-lhe outra existência e concede-lhe uma memória. Através da utilização do objeto para dar sentido diferente e torná-lo

um símbolo para um novo entendimento, os fragmentos abstraem o real sentido ultrapassando a função real, transcendendo, conotando, ampliando seu significado e segundo o entendimento do espectador, ele fará sua interpretação.

A ideia de apropriação parte do princípio de que a cultura pertence a todos e está presente constantemente em nosso imaginário. Ao invés de negar o passado para afirmar uma suposta originalidade, o artista contemporâneo não receia em criar a partir de fragmentos de nossa memória histórico-cultural.

Os fragmentos são os suportes para produzir as obras, ou seja, restos de objetos, marcados pelo tempo, pela ação, pela idade, uma junção de materiais que podem ser guardados, coleções, aglomerações e seleções. O que pode ser considerado lixo passa a ser ressignificado, perdendo sua estrutura original e tomando uma nova função.

Em um mundo onde o descarte de objetos é uma realidade, a apropriação e transformação em obras de arte só vem para acrescentar; tudo depende do contexto, do momento, e a poética empregada pelo artista. Cabe ao observador interpretar a obra e acrescentar a ela seu repertório e sentimento.

Os objetos que os artistas se apropriam são escolhidos pela aproximação estética que mantém com aspectos pontuais do processo de criação e que constitui a obra. O artista toma emprestado do objeto, sua forma ou sua matéria para incorporá-la a uma obra de arte, sendo que esta apropriação pode ser de uma técnica de produção industrial ou de uma ideologia estética.

Na reutilização, o trabalho é atribuído a quem o “criou”, mas os materiais reutilizados questionam os limites dessa autoria. Na apropriação, o objeto anônimo se transforma em obra, mas o novo contexto implica outro sentido, resultado do gesto autoral proposto.

Outro aspecto levantado neste estudo, é que o conceito de apropriação não se aborda nem está localizado em um único estilo, momento histórico, gênero ou artista específico da história da arte. O procedimento artístico da apropriação revisa as significações atribuídas às obras da história da arte e se tornam mais complexas quando se fala em arte contemporânea.

Sobre a arte contemporânea na educação é necessário salientar que o termo apropriado está ligado a um contexto artístico bastante específico. Historicamente os artistas tem se apropriado de imagens de outros para

criar seus trabalhos. Numa época em que a consciência ecológica está presente no cotidiano do sujeito, e em que o lixo deve ser limpo e separado, porque não pensar formas de reutilização desse material. A reutilização de materiais é comum na arte, esta prática ganha outro significado quando artistas apropriam-se de materiais inusitados para seus trabalhos. A apropriação se torna prática, criativa. Ao tirar objetos de seu contexto original, o artista atribui novo significado ou transfere seu valor cultural. São duas lógicas distintas, por trás do mesmo procedimento e que pode ser repensado e praticado em sala de aula.

Este trabalho, ao referir-se à apropriação na sala de aula, aborda além de seu conceito de utilizar para reformular, mas também situá-lo na história da arte como procedimento artístico, e que este é um dos processos que fazem parte da construção da arte hoje. Podemos assim, proporcionar ao aluno diferentes possibilidades que dão conta de traduzir a expressividade e criatividade não apenas através de práticas artísticas convencionais, mas que existem diferentes formas de criação na arte contemporânea.

Na medida em que no meu cotidiano escolar como professora de arte, esse tema é abordado constantemente considero a temática relevante para ser desenvolvida como tema de pesquisa, porque além de despertar o interesse em sustentabilidade e cidadania é possível instigar no aluno sua criatividade ao transformar objetos do cotidiano em arte.

Arte contemporânea: história, conceitos e repertórios

A pós-modernidade é um período artístico que surgiu na segunda metade do século XX e se prolonga até os dias de hoje. Momento que incorpora em seu repertório questionamentos bem diferentes das rupturas propostas pela Arte Moderna. Este período evidencia-se na década de 60 do século passado. A partir da década seguinte, a arte contemporânea entra em cena, quando importantes mudanças acontecem no mundo e transformam a postura dos seres humanos.

Interessa nesta pesquisa a arte contemporânea, de uma forma ampla, não para designar tudo o que é produzido no momento, mas sim aquilo que propõe um pensamento sobre a prática e o uso dos objetos do consumo. A arte vem sendo marcada por rupturas com a tradição, pois a partir do século XX busca renovar ou recodificar, fazeres e procedimentos como pede o período pós-industrial.

A arte contemporânea trouxe novos procedimentos, novos desafios para serem sentidos e avaliados. Ela explicita a diversidade em que vivemos, mas nem por isso, procedimentos tradicionais como pintura, escultura e

gravura foram negados, e sim foi permitido agregar a eles outros fazeres. Com isso acontecem novos meios e processos, ou seja, uma união de procedimentos, uma fusão da arte em grande parte com a apropriação de objetos descartados.

É impossível conceber arte somente como pintura e escultura, pois na contemporaneidade as obras são articuladas em diferentes linguagens que criticam e desafiam a todo instante. Na produção contemporânea são usados vários materiais, uma tendência ao incorporar. Pode-se ainda transformar os objetos em arte ao mudá-los de lugar, dando-lhes um novo significado.

Quando Honnef (1988), tematiza sobre a arte contemporânea e seus artistas dá importante contribuição para o entendimento sobre como a mesma, e como os artistas criam ou se apropriam de objetos no fazer artístico:

Tornou-se uma característica da sua prática artística específica a mistura das mais variadas disciplinas: pintura e fotografia, fotografia e performance, pintura e escultura, Pois, tal como a imagem da própria arte contemporânea se transformou, também se alterou a imagem que os artistas têm de si próprios. Todos eles representantes de uma geração que cresceu habituada à televisão, não se romperam com as categorias tradicionais da arte vanguardista, mas também com os limites rigidamente definidos de cada um dos seus domínios específicos. Tal como não existem estilos ou, pelo menos, tendências dominantes na arte de Pós-Vanguarda, os artistas consideram-se especialistas confinados a uma marca comercial definida. Quase nenhum deles se dedica unicamente a pintura, escultura ou fotografia, escultura e arquitetura, arquitetura e design, design e fotografia (HONNEF, 1988 p.28).

O artista contemporâneo produz suas obras que são expostas muitas vezes de forma a serem descartadas. São criações que podem passar desatentas ou desentendidas dependendo da sensibilidade do apreciador.

A arte sofre a influência de fatores sociais e econômicos. Mudanças de comportamento e necessidades sentidas pelo homem, acabam refletindo nos objetos produzidos pela arte, que se desacomoda nas categorias, não mais cabendo entre os limites da escultura e da pintura o artista cria o objeto.

O público e o artista contemporâneo incorporam na arte, os diversos procedimentos, características e materiais que a sociedade adota. A pintura está se esgotando exatamente naquilo que a escultura pode

representar, a tridimensionalidade. O estreitamento entre os limites das duas leva a arte à procura por novas possibilidades de expressão (PROTTI, 2004, p.92).

Com a procura do artista por novas possibilidades de expressão, surgem objetos tridimensionais a partir de materiais produzidos industrialmente. Ao serem adotados pelo homem ao serem tirados de sua função são transformados em objetos chamados ready made; ou seja objetos ressignificados, que adquirem novo sentido ao serem qualificados pela assinatura ou pelo deslocamento do lugar, o material, a estrutura não é modificada.

A obra em si de um artista não pode mais ser examinada por ela mesma. Digamos brutalmente: não é mais a competência ou a capacidade do artista em fazê-la ou manipulá-la que sobremodo interessa. Ou é realmente o decisivo. O artista pode ser um excelente artesão no sentido da confecção da obra e não passar disso. Sua obra representa-se solitária como algo abandonado ou esquecido numa porta de estação. Alguém pode levá-la para casa como um ReadyMadi. E feliz com o achado (PEDROSA, 1986, apud, 2004, p. 98).

Quando usa objetos industriais, o artista está questionando a importância e a função do mesmo no cotidiano. Duchamp foi um dos primeiros artistas a se apropriar de objetos industrializados e disponíveis em forma de protesto.

Numa atitude de ruptura e crítica para chamar a atenção sobre o que estabelece e determina que algo é arte, Duchamp parece resgatar o que já fora feito pelos artistas, seus antecessores Picasso e Braque que em anos anteriores colam materiais e objetos em suas pinturas anunciando que os objetos possam tomar o lugar das representações.

Quando recolhem os materiais que a civilização descartou, para comporem suas obras, artistas contemporâneos dos anos 60 reinventam o fazer e o uso dos materiais. Todos eles esquecem a mão, o fazer e apenas ordenam os objetos como num quebra-cabeças. (PROTTI, 2004, p.102)

Ao fazer uso de objetos descartados, guardados, da natureza, rústico, gasto, envelhecido, o artista de posse destes materiais cria objetos denominados Objet trouvé.

É impossível estudar a arte contemporânea, sem levar em conta a indústria cultural, os meios de comunicação, o mercado, a indústria, o efêmero, o fragmentado, o renovável, com base nestes termos criam-se

necessidades de transformar esteticamente os objetos.

Harvey (1999 apud PROTTI, 2004, p.37), afirma:

Passamos para uma nova era a partir do início dos anos 60, quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral: a frenética urgência de produzir novas ondas de bens com aparência cada vez mais nova (de roupa a aviões), em taxas de transferência cada vez maiores, agora atribui uma função estrutural cada vez mais essencial à inovação e à experimentação estéticas. As lutas antes travadas exclusivamente na arena da produção se espalharam, em consequência disso, tornando a produção cultural uma arena de implacável conflito social.

Diante das várias mudanças ocorridas na sociedade devemos levar em consideração os padrões estéticos e as transformações que vem acontecendo, neste momento os artistas propõem outras fórmulas para a arte.

A arte dos dias atuais provoca o espectador com uma mistura de estilos, formas, práticas e materiais diferentes. Logo que nos deparamos com a obra, temos menos certeza se estas podem ser qualificadas como arte. Do ponto de vista tradicional é difícil reconhecer imediatamente um objeto como arte. A arte atual tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas, também outros materiais como ar, luz, som, palavras, pessoas, comidas, lixos, objetos descartados, novos e usados. Conceitos ou práticas da física, química, eletricidade, são usados para apresentar a visualidade da arte.

Existem duas ideias-chave amalgamadas à palavra “assemblage”. A primeira é a de que, por mais que a união de certas imagens e objetos possa produzir arte, tais imagens e objetos jamais perdem totalmente sua identificação com o mundo comum, cotidiano, de onde foram tirados. A segunda é a de que essa conexão com o cotidiano, desde que não nos envergonhemos dela deixa o caminho livre para o uso de uma vasta gama de materiais e técnicas até agora não associados com o fazer artístico (ARCHER, 2001, p.04).

Com isso cria-se uma convivência entre os objetos do cotidiano que não perdem sua identificação e sua função, são transformados em obras de arte. O trabalho realizado pelos artistas contemporâneos quando se apropriam e ressignificam objetos foi importante porque mudou seu aspecto e sua forma, dando-lhe uma aparência singular.

Apropriação, ready-mades, object trouvé, ressignificação: apresentando conceitos

O significado e a relação entre apropriação e a criação nas manifestações artísticas contemporâneas, como ready-made, object trouvé e as ressignificações dos mesmos dentro da arte, serão estudados neste título, para destacar a variedade de denominações que as propostas feitas a partir dos objetos da indústria ou descartados vem adotando.

A apropriação em artes visuais demonstra liberdade de expressão. Com a imagem ou o objeto alterado, passa a ser considerado outra obra com outras intenções e significações:

Apropriação. (Do lat. Appropriatione.) s.f.1. Ato ou efeito de apropriar(-se). 2. Acomodação, adequação. Apropriação direta. Etnogr. Atividade econômica dos povos primitivos representada pela coleta, caça e pesca rudimentares. (HOLANDA, 1999, p. 149).

Tida como antiarte, as manifestações dadaístas foram as precursoras do uso dos objetos em arte e impuseram uma nova visão estética, que influenciaram novos artistas e movimentos. A prática da apropriação de imagens e objetos teve expressão pelos seguidores do Dadaísmo, e também por americanos e europeus, em oposição aos acontecimentos políticos da primeira guerra mundial.

A apropriação ganha força nos ready-made de Duchamp, que deslocava um objeto de seu local de origem e transformava o significado deste sem nenhuma ou quase nenhuma intervenção. Duchamp instituiu o aleatório o acaso, qualquer ato de assinatura ou mudança de lugar pode ser chamado de arte.

A apropriação e a coleção passaram a apresentar-se como um conceito a parte no debate sobre as práticas artísticas do século XX:

Apropriar-se não significa, em princípio, apropriar-se de apenas um ou dois objetos ou imagens de uma mesma natureza, ou com uma ou várias características comuns. Apropriar-se é matar simbolicamente o objeto ou a imagem, é retirá-los do fluxo da vida – aquele contínuo devir, que vai da concepção/produção até a destruição/morte – colocando-os lado a lado a outros objetos, com intuídos os mais diversos. Quando trazidos para âmbito da arte, as estratégias de apropriação e de coleção tendem a problematizar (...), sobre a arte e o objeto artístico. Elas desestruturaram a noção de arte pautada nos conceitos de originalidade e de valorização do gesto criador do artista – noções muito valorizadas, desde o início

da modernidade. Tratar de apropriações e coleções é tratar de arquivos, de museus – instituições humanas sempre em mutação, em ampliação, e cuja dramaticidade maior é nunca se completarem um dia (CHIARELLI, 2002, p. 21 e 26).

Como faz entender o crítico de arte Tadeu Chiarelli, existe um rompimento da noção de arte. Existem alguns códigos capazes de serem traduzidos por outros códigos. Estes códigos desestruturam a noção de arte que era pautada nos conceitos de originalidade e de valorização do gesto criador do artista, por uma nova postura, não mais de tradição, mas de inovação. Como exemplos temos a obra de Duchamp chamada L.H.O.O.Q., na qual a Mona Lisa de Leonardo da Vinci aparece pintada com bigode, satirizando a ideia original. Estas intervenções sobre a obra acabam por determinar modificações na categoria chamada pintura. Da mesma forma, a escultura também vem modificando sua materialidade:

Por volta dos anos 50, a categoria “pintura” tinha se expandido – ou contraído - para incluir trabalhos feitos a partir de um campo de cor único, uniforme, inteiriço e sem modulações aplicado sobre uma superfície retangular plana. A categoria “escultura”, por aquela época, havia tempo tinha incluído—ou sido assaltada por – uma gama de objetos tirados do mundo da não-arte, aos quais nada tinha sido adicionado e nada retirado. O “monocromo” e o “readymade” tinham se tornado fatos estabelecidos da arte, e, mesmo que não fossem universalmente admirados, eram fatos que no entanto traziam profundas implicações para a arte. Naquela época, assim como hoje, uma discussão séria sobre arte não podia ir longe sem reconhecer a presença ou a possibilidade de tais trabalhos (Batchelor, apud DAVID, 1999, p. 14).

Conforme afirma Batchelor, por volta dos anos 50 do século XX, os objetos usados no cotidiano e sendo retirados de sua função passaram a ser consideradas uma nova forma de escultura sendo elas transformadas pelo artista ou não. Objetos estes denominados de ready made.

Ao ressignificar um objeto industrializado, pela assinatura, ou deslocado do lugar Duchamp artista contemporâneo, transforma-os em arte. Como exemplos podemos citar: Roda de Bicicleta, uma roda de bicicleta presa num banco de madeira. Também a obra Fontain, que usa um urinol em posição diferente da usual e chama: Fonte.

Os artistas fazedores de objet-trouvé também se apropriam de objetos como ponto de partida, porém, estes são totalmente manipulados e distorcidos de suas funções originais. Objetos guardados, encontrados e da natureza sendo envelhecidos, gastos, rústicos, etc. São reveladores

e carregados de marcas, vestígios do tempo, tais como tecidos marcados por ferrugem que fizeram parte de outros tempos, objetos resgatados e submetidos a novas manipulações, podendo ficar irreconhecíveis, sem as marcas dos anos anteriores.

Estes objetos revelam um novo fazer, em que a história que carregam conta às etapas anteriores. A reutilização de materiais incorpora as marcas peculiares de seu tempo, mantendo vínculo com o contexto, sob os quais foi gerada.

Sobre isso realocar o conceito de escultura, a partir da apropriação de objetos provenientes da natureza se faz necessário. Pedaçõs de madeira, restos de árvores, que se fazem pela ação da própria natureza acabam batendo aos olhos de artistas que se sensibilizam com suas formas, resgatando-os para a arte. O artista plástico Frans Krajberg é um exemplo disso.

Hoje, através da escultura, entre outras intenções, conscientes e inconscientes, talvez eu esteja tentando chamar atenção para um dos mecanismos fundamentais da vida e, quiçá, do universo como um todo: a reciclagem, ou seja, o reaproveitamento dos destroços daquelas formas que exauriram o seu ciclo, de nascimento, crescimento e morte, para a criação de novas formas de existência. Por isso, todas as minhas esculturas são feitas a partir de pedaços de madeira provenientes de plantas mortas, seja pela ação do homem, seja pela ação da própria natureza. (LUDWIG, 1999, p.11)

Da mesma forma que Frans Krajberg, um artista regional e autodidata manipula galhos de árvore e pedaços de madeira que sobram na natureza para compor seus objetos estéticos. Assim, Ludwig, um artista do interior do Rio Grande do Sul ao reaproveitar destroços da natureza ou objetos que não são mais úteis ao homem, que perderam sua função ao qual foram fabricados, criando esculturas com estes objetos geralmente gastos e marcados pelo tempo ou que estão guardados ao qual em arte denominamos de object trouvê, e com isso ele esteja também ajudando na conscientização e na preservação do ambiente:

Duchamp expôs um mictório; assinando-o com um nome qualquer, Mutt. No entanto, ao colocar uma assinatura, ele quis dizer que aquele objeto não tinha um valor artístico em si, mas assumia-o a partir do juízo formulado por um sujeito. Todavia, como ele formula, se já não dispõe de modelos de valor? Com efeito, limita-se a destacar o objeto do contexto que lhe é habitual, e no qual atende uma função prática: desambienta-o e o conduz por uma via morta. Retirando-o de um contexto em que, por serem todas as coisas utilitárias, nada pode ser estético, situa-o numa dimensão na

qual, nada sendo utilitário, tudo pode ser estético. Assim, o que determina o valor estético já não é um procedimento técnico, um trabalho, mas um puro ato mental, uma atitude diferente em relação a realidade (Argan, apud PROTITI, 1992, p. 358)

A atitude de assinar um objeto faz com que a mesmo adquira valor estético, e seja qualificado como objet trouvé. O artista escolhe um objeto entre outros para compor suas obras, dar novo significado e destacá-lo deixando de ter como qualidade única de objeto para apresentar-se como objeto da arte.

O artista contemporâneo utiliza a apropriação, os objetos da indústria e os descartados pela natureza, dando um novo significado, um sentido diferente aos mesmos, transformando-os em arte.

Arte contemporânea: novos conceitos e realidades sociais

Tanto no século passado como neste um grande número de artistas tem se apropriado de imagens ou objetos para expressar sua própria linguagem. Entende-se por esta apropriação de imagens e objetos, elementos encontrados na natureza, reciclados, aproveitados do cotidiano, ou industrializados, o ato de ressignificar, isto é, dar novo conteúdo, nova forma, outra possibilidade de leitura.

Para muitos, o uso somente de materiais da tradição da arte como tinta e tela, no espaço bidimensional, não satisfaz a expressão de sentimentos individuais ou coletivos. Esta prática em que os artistas necessitam de elementos visuais extras para transmitir novas maneiras de pensar, chocar, denunciar ou valorizar as mais diversas manifestações artísticas é comum na contemporaneidade.

Seguindo o pensamento da artista Ligia Clark, o objeto relacional está relacionado com a “fantasia do sujeito” e que o mesmo objeto “pode expressar significados diferentes para diferentes sujeitos ou para o mesmo sujeito em diferentes momentos”, assim, o uso de dois objetos por dois sujeitos diferentes pode retratar conceitos extremos.

Isto também se dá para o espectador, quer dizer, dependendo do espectador o objeto pode ter significados diferentes assim como em lugares ou momentos diferentes, tudo depende da compreensão e da comunicação que se dá através da criação do artista.

Conforme Farias (1999), “arte é uma prerrogativa de quem olha, não necessariamente de quem faz”. Através da apropriação e manipulação

dos objetos o artista passa a produzir novos sentidos às coisas, dando-lhes outro significado ao serem colocados em novo contexto. Ao propor um objeto como arte, tenha ele a qualidade ou aparência que for, o artista demonstra em sua produção novos sentidos, vai além da estética e do próprio objeto e dá-lhe muito mais importância. Neste percurso implica ao espectador ser presente e atuante em muitas obras, nas quais a interação torna-se necessária.

Ao se apropriar de resíduos industriais e dar-lhes um novo significado o artista além de criar arte, também estará dando um novo sentido a algo que provavelmente não passaria de mais um objeto descartado e sem função para a sociedade. Cria novas formas de conhecimento, novos conceitos vem ajudar a melhorar a realidade social em que vivemos na atualidade, ao provocar novos pensamentos e experimentar outros olhares a objetos presentes no cotidiano.

Confirma-se assim a afirmativa de que é possível mudar uma realidade social através da arte. Pela ressignificação de resíduos da indústria e da apresentação destes pode-se sensibilizar uma comunidade, isto ajuda a compreender as transformações que a aprendizagem, a frequência e o contato opera na leitura dos objetos artísticos.

Para alguns teóricos como Feldman, e Michael Parsons, a interpretação e compreensão estética dependem das oportunidades educativas e interferem sobremaneira na aquisição de saberes sobre arte. Compreensão estética é saber apreciar objetos de arte, a cada sujeito cabe uma propriedade com a qual é possível formar opinião. Fazer arte está associado à apreciação, uma não existe sem a outra, mais enriquece o artista quanto mais produz e mais amplia os conhecimentos sobre arte o público que com mais frequência a aprecia. Assim, a compreensão estética está relacionada ao desenvolvimento e ao momento conceitual em que se encontram os apreciadores. A apreciação vai enriquecer e ampliar os conhecimentos dos sujeitos, na contemporaneidade, quando artistas aproximam a arte do espectador, o uso de objetos e imagens e as apropriações destes são também veículo de aproximação da arte com o público.

A aprendizagem é construída pela singularidade que cada aluno pode através de suas experiências formar, por seus significados. Quando essas representações podem ser associadas às vivências do aluno, ao seu cotidiano, a aprendizagem é maior e mais significativa.

A Arte Contemporânea trabalhada na escola, propicia situações

diversas de ensino: provoca o olhar do aluno, tem a capacidade de gerar discussões e confronto de ideias que só vêm a contribuir para sua cultura e senso estético, e ainda, é uma realidade mais próxima no tempo e no espaço para a grande maioria dos alunos, do que qualquer período histórico da arte, e que, portanto, não pode ser desperdiçada.

Atualmente, a apropriação tornou-se uma forma de vida o que vem ao encontro com nosso momento histórico e a busca pela conscientização. Numa época em que o lixo deve ser limpo e separado, porque não pensar na reutilização, como suporte de criação e ao mesmo tempo reciclagem, vários objetos que já perderam seu uso vem sendo usados por artistas professores e alunos do Brasil e do mundo, ao mesmo tempo que ressignifica funções, reorganizam ideias conceitos e comportamentos.

A cultura assegura que a reutilização de materiais é comum na arte e na literatura do século XX e XXI este resíduo ganha novo significado quando reutilizado pelo artista. Procedimento que torna-se artístico e o reaproveitamento passa a ser um meio de expressão da arte. Ao tirar objetos de seu contexto original, o artista atribui novo significado e transfere seu valor cultural.

Se observar uma pessoa em frente ao espelho percebemos que este gesto revela uma estética singular, por isso nos emocionamos, nos expressamos através de linguagens artísticas. o desenvolvimento dessas potencialidades artísticas depende de fatores como a condição de vida e a história pessoal de cada um, aquilo que chamamos de vocação nada mais é que uma predisposição que manifestamos em relação a certas situações. Dependendo de estímulos como: do meio, da família, dos amigos e da escola, o desenvolvimento desta vocação é possível. Com o aprimoramento do senso estético, e também, do acesso às informações e a educação apropriada, pode-se desencadear um processo de aprendizagem estética.

Nesse processo de desenvolvimento e formação, entramos em contato com os temas da arte, ou seja, os assuntos que mais interessam aos artistas em determinada época. Aprendemos os cânones da beleza vigente – princípios estéticos que definem os diversos estilos. Aos poucos, vamos nos familiarizando com os suportes e técnicas existentes, sejam eles a tela, o cimento, a câmera fotográfica ou o vídeo. Enfim, tomamos conhecimento de tudo aquilo que os artistas e especialistas estão desenvolvendo em certo momento, suas ideias e suas preocupações – convenções das quais resulta o caráter social da arte.(COSTA,2002, p. 58).

Dessa forma, estes procedimentos que surgiram na atualidade possibilita novos horizontes criativos e ligados à reutilização de materiais, ocorre a ressignificação de objetos cotidianos, o que era objeto de uso é retirado do contexto e é o artista que lhe dá novo sentido, o suposto lixo se transforma em material para a criação. Na reutilização, o trabalho é atribuído a quem o criou, pois o objeto torna-se objeto arte. A arte contemporânea explora o mundo das imagens e objetos já existentes como inspiração e estímulo para novas criações, e a escola é o lugar de sistematização destas ações e transformação das mesmas em objeto de conhecimento.

Considerações finais

Através das ideias e formas das manifestações artísticas, podemos ler e conhecer a história do homem e da arte. Para tanto surgem novos meios que acompanham a humanidade rumo a sua história, assim como acontece com a arte em todos os tempos. As manifestações artísticas da atualidade, em que aumenta sua importância, e também cresce o espaço em que a arte se apresenta dentro de um contexto com o qual a sensibilidade do artista deve estar em sintonia. As apropriações e ressignificações de objetos, geralmente descartados, devem ter um espaço próprio para serem expostos e pensados.

A arte contemporânea está em constante busca por afirmação, Seu conceito ainda está sendo debatido, e a expressão “Arte Contemporânea” nem sempre é aceita com facilidade, porque muitas vezes falta conhecimento e entendimento para isso. É possível promover discussões em torno deste período que é marcado por rupturas, contestações, ligadas à oposição da emoção, intuição e ao domínio da razão.

A arte sempre esteve em constantes mudanças, acompanhando o tempo e o espaço em que ela está inserida. Sempre em busca de afirmação, procura novos meios e procedimentos diferentes. A partir da utilização e reutilização de suportes há o deslocamento de seu contexto original para criar um novo significado. Ao mesmo tempo existe a busca pela história renovação ou recodificação, não há a exclusão da arte tradicional, mas ao contrário um esforço em permitir agregar outros fazeres, muitas vezes vistos como impróprios. A adoção de diferentes meios de produção em arte cria uma pluralidade de fazeres.

A apropriação vem sendo usada há muito tempo por grandes nomes da arte, as modificações causadas pela proliferação das imagens

veiculadas pelos meios de comunicação de massa, torna esse procedimento mais elaborado e complexo na produção artística, nos deparamos com o uso de imagens e obras em produção de segunda geração que quase não percebemos de onde vem.

A apropriação é muitas vezes uma metáfora que o artista utiliza para defender ou expressar sua criação. O objeto do cotidiano se torna um objeto arte quando transcende a forma, história, utilidade, estética ou contexto original. Sua aparência ou mesmo sua ausência, em um novo contexto manipulado pelo artista, dá-lhe nova função ou novo significado.

A compreensão da arte contemporânea facilita a interpretação do mundo em que estamos inseridos. Seguindo esses conceitos podemos refletir melhor sobre o pluralismo por que passa a arte hoje, com as tecnologias e imagens que nos cercam.

A arte contemporânea ultrapassa as categorias já existentes, que estão em constantes transformações, novas interpretações criam novas concepções artísticas. Ao se apropriar de um objeto para torná-lo arte, o artista possibilita o uso do conhecimento já adquirido. Fazendo um diálogo entre o primeiro e sua transcendência, promovendo novas sensações que podem ser experimentadas pelo espectador que ao contemplar irá interagir com a obra, finalizando-a em sua plenitude: artista, obra, espectador.

Os artistas contemporâneos trabalham com várias formas de expressão que vão da pintura as instalações, do desenho à fotografia, da escultura ao objeto possibilitando a discussão de seus trabalhos com questões existenciais, sociais, políticas ou somente formais de suas pesquisas poéticas. Apresentar trabalhos que dificilmente vão ser entendidos, de conteúdos pouco óbvios.

As obras se integram ao ambiente sem desestruturá-lo e fazem conexão com o espaço. O objeto marcado, carregado de fragmentos, de forma que até mesmo sozinho já constitui história; ressignificado, possibilita uma reflexão, uma compreensão gerando uma nova visão, deixando outras leituras sobre o mesmo objeto, os espectadores utilizam as obras, o espaço, os objetos e a técnica para dar diferentes significados e sentidas a sua experiência de ver. Cria um novo código de leitura que extrapola os primeiros significados desses objetos dando uma nova compreensão aos mesmos.

Este estudo aprofundou o conhecimento sobre os artistas: Nelson Leirner que é considerado um artista polêmico, usa a apropriação com a ideia de coleção. Em segundo lugar está Vik Muniz, fotógrafo, desenhista,

pintor e gravador. Seu trabalho consiste em compor as imagens com materiais normalmente instáveis e perecíveis sobre uma superfície e fotografá-las. Por último, temos Frans Kraejcberg, artista plástico polonês, radicado no Brasil, que utiliza resíduos da natureza para compor suas obras, também é engajado nas questões ambientais muito recorrentes na atualidade.

Posso concluir afirmativamente sobre a pertinência e a necessidade do estudo, destas obras, conceitos e artistas e o lugar deste conhecimento na escola na escola, a importância do trabalho com o aluno, possibilitando a este identificar conceitos de arte contemporânea, estudar artistas, analisar imagens. Entender como se dá a apropriação de objetos da indústria por artistas contemporâneos, que transformam os mesmos em obras de arte, foi objetivado neste estudo.

Minha atuação como professora, e minha prática com o ensino da arte, quando lançamos mão dos mais diversos materiais para nossos fazeres como caixas, papéis, embalagens, rótulos, me fez trazer para esta pesquisa experiências já vividas em minha prática como educadora e que são contempladas agora como tema de estudo deste trabalho. Assim, teorizar sobre a arte contemporânea e o exercício de artistas com a resignificação de objetos torna-se uma ação muito próxima daquilo que faço com meus alunos.

O ensino da arte contemporânea proporciona situações diversas que provoca o olhar do aluno, gera discussões e confronto de ideias que vêm contribuir para a cultura e o senso estético, é uma realidade próxima do aluno no tempo e no espaço, portanto é um período que não pode ser desperdiçado.

Por ser um assunto atual e instigante, provoca no estudante maior interesse, assegurando atenção, pois tudo o que é considerado novo e não ultrapassado, envolve o adolescente. Para compreender o hoje precisamos compreender o passado, podemos utilizar a arte contemporânea como forma de valorizar a história. Deve-se trabalhar a arte contemporânea em aula para garantir a formação de espectadores capazes de dialogar criticamente com as obras produzidas na atualidade.

Referências

AMARAL, Aracy. **Vik Muniz**: o Ilusionismo além da aparência espetacular. In. MUNIZ, Vik. *Ver Para Crer*. Disponível em: <www.

itaucultural.org.br>. Acesso em Abril/2025.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos 80 e novos tempos. São Paulo/Porto Alegre: Perspectiva/Iochpe, 1991.

BATCHELOR, David. **Minimalismo**. Tradução: Célia Euvaldo, São Paulo: Cosak E. Naify Edições, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais/ética. Ministério da Educação. Brasília, 1997.

CHIARELLI, Tadeu. **O tridimensional na Arte Brasileira dos anos 80 e 90**: genealogias, superações. Objeto Cotidiano/Arte – Textos Teóricos. São Paulo, V.1, n.1, p. 10-14, 2002.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**: a natureza do belo e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 2002.

FARIAS, Agnaldo. **Nelson Leirner**. In: TRIDIMENSIONALIDADE na arte brasileira do século XX. Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em Abril/2011.

FARIAS, Agnaldo. **Objetos do cotidiano**. São Paulo: Moderna, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

HONNEF, Klaus. **Arte Contemporânea**. Tradução: Casa das Línguas Ltda. Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAIS, Frederico. **Frans Krecjeborg**: a arte como revolta. In: Frans Kraecjeborg revolta. Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em Abril/2011.

PROTTI, Salête Regina. **Arte contemporânea e conhecimento**: o objeto. Ijuí: UNIJUI, 2004.

PROTTI, Salète Regina. Apostila do Componente Curricular Tridimensional I – Curso de Artes Visuais, 1* semestre, 2008.

SILVA, Vitor da. **Nelson Leiner**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouviouver/article/view/12302>>. Acesso em Junho/2011.

Escultura de Ludwig Reichard Filho / Projeto Conhecendo o Artista Local – Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.